

## **ESTRUTURAS DE POSSE INALIENÁVEL ADJETIVADA: APONTAMENTOS INICIAIS SOBRE A SUA AQUISIÇÃO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO**

### *ADJECTIVAL INALIENABLE POSSESSION STRUCTURES: INITIAL NOTES ON ITS ACQUISITION IN BRAZILIAN PORTUGUESE*

*Fernanda Mendes<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo aprofundar a análise sintático-semântica de estruturas possessivas inalienáveis apresentada em Mendes (2017, 2015), observando dados de aquisição do português brasileiro comparados a dados da gramática-alvo. Para tanto, examina-se o seu comportamento quando ocorrem em construções predicativas e atributivas (BARON; HERSLUND, 2001) modificadas por um adjetivo, já que parece haver, conforme aponta o trabalho de Kayne (1975) para o francês, restrições para a veiculação da leitura inalienável de acordo com a presença e/ou tipo de adjetivo que modifica o nome possuído nessas construções com possuidor externo. Assume-se nesta pesquisa, estendendo o que Guéron (1985) e Vergnaud e Zubizarreta (1992) afirmam também para o francês, que as restrições propostas por Kayne (1975) para essas construções relacionam-se com a estrutura temática em português brasileiro. No que concerne ao processo de aquisição da linguagem, enquanto as restrições não são adquiridas, hipotetiza-se que a interpretação inalienável seja superestendida, tornando-se restrita às condições licenciadas pela gramática adulta à medida em que a criança avança em idade. Para verificar as hipóteses adotadas nesta pesquisa, foi desenvolvido, portanto, um estudo de caráter experimental com três grupos, sendo dois de informantes infantis (crianças mais jovens e mais velhas) e um de informantes adultos (controle). Os resultados, que, por um lado, confirmam a hipótese aventada para o percurso da aquisição dessas estruturas, e, por outro, não se apresentam como conclusivos em relação à gramática adulta do português brasileiro, indicam que, embora não categórico, o presente estudo traz importantes apontamentos acerca da questão.

**Palavras-chave:** posse inalienável, adjetivos, aquisição da linguagem, teoria gerativa, português brasileiro.

#### **ABSTRACT**

This research aims at advancing the syntactic-semantic analysis of inalienable possession structures presented in Mendes (2017, 2015), by observing Brazilian Portuguese acquisition data compared to its target grammar data. To that end we examined these constructions' behavior when they occur in predicative and attributive structures (BARON; HERSLUND, 2001) modified by an adjective, because there seem to be, following Kayne's work (1975) on French, some constraints that block inalienable interpretation due to the presence and/or the kind of adjective modifying the possessed noun when there is an external possessor in this kind of construction. We assume, by extending Guéron (1985) and Vergnaud & Zubizarreta (1992)'s claims about French, that Kayne's constraints (1975) concerning adjectival possessive structures are related to their own thematic structure in Brazilian Portuguese. As regards the language acquisition process, although these constraints are not acquired, we hypothesize that inalienable interpretation is overextended, becoming restricted to the conditions licensed by the adult grammar. In order to test the working hypothesis, we advanced an experiment with three groups, two with child informants (younger and older children) and one with adult informants (control group). The results borne out the working hypothesis on the acquisition of these structures, but are not conclusive in relation to the adult Brazilian Portuguese grammar, indicating that, although not being categorical, the present case-study brings important insights on the issue.

**Keywords:** inalienable possession, adjectives, language acquisition, generative theory, Brazilian Portuguese.

---

<sup>1</sup> Pesquisadora do Programa de Pós-Doutorado da Universidade Federal de São Carlos e bolsista do PNPd-CAPES. E-mail: fernanda.mds@gmail.com.

## Introdução

Construções possessivas, segundo Baron e Herslund (2001, p.3), podem ser divididas em dois grandes tipos, a saber, construções de posse predicativa e construções de posse atributiva.

Nas construções de posse predicativa, a ligação possessiva entre duas entidades – possuidor e possuído – é realizada através de verbos como *possuir* e *ter*, como ilustram os exemplos em (1) abaixo. Por esse motivo, é também chamada de *posse estabelecida*, conforme Seiler (1983<sup>2</sup>, p.62 *apud* BARON e HERSLUND, 2001, p.13).

- (1) a. O João *tem* um livro.  
b. A Maria *possui* um carro.

Já nas construções de posse atributiva, a ligação possessiva entre possuidor e possuído, ao invés de ser realizada por um verbo possessivo, é pressuposta por outro elemento que indique posse, tal qual um pronome possessivo, como ilustram os exemplos em (2). Por isso, é chamada também de *posse inerente*, de acordo com Seiler (1983, p.62 *apud* BARON e HERSLUND, 2001, p.13).

- (2) a. O João vendeu o livro *dele*.  
b. A Maria dirigiu o carro *dela*.

Assim, conforme Mithun (2001, p.285), enquanto a posse predicativa abrange sintagmas verbais (ou sentenciais), a posse atributiva abarca sintagmas nominais.

Segundo uma restrição proposta por Kayne (1975) para dados do francês, construções de posse predicativa com possuidor externo ao sintagma nominal possuído exigem a ocorrência de um adjetivo descritivo para que a leitura inalienável<sup>3</sup> possa ser veiculada, como em (3a) abaixo – contrastando com (3b), em que não há ocorrência de qualquer adjetivo. Por outro lado, construções de posse atributiva, com possuidor externo ao sintagma nominal possuído proíbem a ocorrência de tais adjetivos para a veiculação da mesma leitura, como em (4a) abaixo – contrastando com (4b), em que se trata de uma construção de posse atributiva com possuidor interno ao sintagma nominal possuído.

- (3) a. Elle            a                    les                    cheveux            *bruns*.  
          ela-NOM.3SG    ter-PRS.3SG        os.DEF.PL        cabelos.PL        castanhos.PL  
          ‘Ela tem os cabelos *castanhos*.’

2 SEILER, H. Possession as an operational dimension of language. Tübingen: Gunter Narr, 1983.

3 Quando o elemento possuidor e o elemento possuído estabelecem, entre si, uma relação intransferível, como em (i) e (ii) abaixo, em que o elemento possuído *cabeça* faz parte do corpo do elemento possuidor O João e não pode ser transferido a nenhum outro possuidor; e o elemento possuído *mãe* estabelece uma relação de parentesco com o elemento possuidor A Maria que não pode ser transferida a outrem.

- (i) O João levantou a *cabeça*.  
(ii) A Maria abraçou a *mãe*.

- b. #Elle a les cheveux.  
 ela-NOM.3SG ter-PRS.3SG os.DEF.PL cabelos.PL  
 ‘Ela tem os cabelos.’
- (4) a. #Il adore les cheveux *blondes*.  
 ele-NOM.3SG adorar-PRS.3SG os.DEF.PL cabelos.PL loiros.PL  
 ‘Ele adora os cabelos *loiros*.’
- b. Il adore *ses* cheveux *blondes*.  
 ele-NOM.3SG adorar-PRS.3SG seus-GEN.PL cabelos.PL loiros.PL  
 ‘Ele adora *seus* cabelos *loiros*.’

Entretanto, como apontado por Mendes (2017, 2015), ao menos em relação ao comportamento de construções de posse inalienável não-adjetivas, a gramática do português brasileiro (doravante PB) não apresenta exatamente as mesmas restrições apresentadas pela gramática do francês.

Assim, a presente pesquisa visa examinar se essa restrição acerca da ocorrência de adjetivos em construções de posse inalienável também se aplica aos dados do PB adulto assim como é aplicada aos dados do francês, como ilustram os dados em (6) e (7) abaixo, bem como se propõe a investigar de que forma se dá a aquisição de tais estruturas possessivas em PB.

- (5) a. #O João *tem* os dedos.  
 b. O João *tem* os dedos *lindos*.  
 c. O João *tem* os dedos *quebrados*.
- (6) a. O João levantou os dedos.  
 b. ?#O João levantou os dedos *lindos*.  
 c. O João levantou os dedos *quebrados*.

Os exemplos em (5) e (6) acima tratam de construções com possuidor externo ao sintagma nominal possuído, sendo os exemplos em (5) de construções de posse predicativa, enquanto os exemplos em (6) de construções de posse atributiva. Dessa forma, parece ser possível observar alguns dos efeitos da restrição sobre a ocorrência de adjetivos nessas estruturas possessivas em relação à possibilidade de veiculação da leitura inalienável em PB, uma vez que os dados em (5a-6a) são construções sem nenhum tipo de adjetivo, em que a leitura inalienável, de fato, parece ser bloqueada. Já os dados em (5b-6b) são construções com adjetivos descritivos, em que a leitura inalienável deveria ser bloqueada, no entanto, esse bloqueio interpretativo não parece estar tão assegurado em PB, quanto parece estar em francês. Por fim, os dados em (5c-6c) são construções com adjetivos restritivos, em que a leitura inalienável, de fato, parece ser veiculada.

Partindo dos pressupostos da Gramática Gerativa e assumindo a Hipótese Inatista (CHOMSKY, 1981, 1986), este estudo apoia-se, especialmente, em trabalhos que discutem estruturas de posse inalienável e sua aquisição, tais como Mendes (2017, 2015, 2010a, 2010b, 2010c), Floripi e Nunes (2009), Munn *et al.* (2006), Schaeffer e Mathewson (2005), Pérez-Leroux *et al.* (2004, 2002a,b), Schaeffer (2002). Além desses, esta pesquisa também tem como base estudos que investigam a restrição acerca de adjetivos dentro dessas estruturas possessivas, tais como Vergnaud e Zubizarreta (1992), Authier (1988), Guéron (1985) e Kayne (1975), para explicar as diferentes interpretações disponíveis para as estruturas inalienáveis adjetivas em PB.

Hipotetiza-se, neste trabalho, que, estruturas possessivas inalienáveis adjetivas em construções de posse atributiva com o possuidor externo ao sintagma nominal possuído, como em (6b-c), apresentariam, na gramática infantil do PB, uma preferência pela leitura inalienável mesmo quando estiver presente um adjetivo descritivo no sintagma nominal possuído, tal qual o fariam na presença de um adjetivo restritivo. Além disso, prevê-se que estruturas possessivas inalienáveis adjetivas em construções de posse predicativa com o possuidor externo ao sintagma nominal possuído, como (5b-c), também apresentariam, na gramática infantil do PB, uma preferência pela leitura inalienável mesmo sem qualquer adjetivo presente na estrutura do sintagma nominal possuído, tal como o fariam na presença de um adjetivo. Para tanto, tomam-se os achados de Mendes (2017, 2015) acerca da aquisição de estruturas possessivas inalienáveis em PB, combinados aos resultados provenientes de Mendes (2010b) sobre a aquisição de estruturas inalienáveis adjetivas com verbos possessivos/copulares em PB.

Essa combinação entre a presença e/ou os tipos de adjetivos permitidos em cada tipo de construção possessiva e a possibilidade de veiculação das leituras alienável e inalienável seria, portanto, restringida à medida em que a criança converge à gramática adulta.

## **2. Estruturas de posse inalienável adjetivada**

Examinando ambos os tipos de construções no francês, como em (3) e (4), Kayne (1975) propõe restrições para a veiculação da leitura inalienável em estruturas possessivas nas quais ocorrem adjetivos dentro do sintagma possuído. Isto é, nos casos em que o possuidor e o possuído estabelecem entre si uma relação intransferível (leitura inalienável), tal como no caso da relação parte-todo com nomes de partes do corpo ou da relação de instituída por nomes de parentesco, como em (7a-b) abaixo, parece haver restrições interpretativas que não ocorrem quando essa relação intransferível não se faz presente (leitura alienável), tal como no caso dos exemplos em (7c-d).

- (7) a. O João<sub>i</sub> lavou as mãos t<sub>i</sub>.  
 b. A Maria<sub>i</sub> abraçou o pai t<sub>i</sub> / pro<sub>j</sub>.  
 c. O João lavou o copo.  
 d. A Maria abraçou o menino.

Segundo Vergnaud e Zubizarreta (1992), a diferença entre essas duas leituras, inalienável e alienável, se dá, entre outras razões, pela propriedade que os nomes de partes do corpo e de parentesco têm de poder realizar o seu possuidor como uma categoria vazia anafórica ou pronominal coindexada a um possuidor externo ao sintagma possuído. Enquanto nomes que não pertencem a essas classes não apresentam essa possibilidade.

Assim, Kayne (1975), mais especificamente, propõe restrições que bloqueiam a veiculação da interpretação inalienável em estruturas em que haja uma relação intransferível estabelecida entre o possuidor e o possuído, quando o possuidor em questão se encontra em uma posição externa ao sintagma nominal possuído, para duas situações:

- (i) No caso de construções atributivas, em que haja a ocorrência de um adjetivo descritivo modificando o nome possuído, ou;  
 (ii) No caso de construções predicativas, em que seja observada a ausência de qualquer adjetivo modificando o nome possuído.

Os exemplos em (4a) e (3b) acima, repetidos, por conveniência, em (8) e (9) abaixo, ilustram, respectivamente, essas duas situações.

#### Construção atributiva com adjetivo descritivo

- (8) #Il            adore            les            cheveux            blondes.  
 ele-NOM.3SG    adorar-PRS.3SG    os.DEF.PL            cabelos.PL            loiros.PL  
 ‘Ele adora os cabelos *loiros*.’

#### Construção predicativa sem qualquer adjetivo

- (9) #Elle            a            les            cheveux.  
 ela-NOM.3SG    ter-PRS.3SG            os.DEF.PL            cabelos.PL  
 ‘Ela tem os cabelos.’

Caso o PB se comporte tal qual o francês em relação à possibilidade de veiculação de interpretação inalienável em tais estruturas possessivas com o possuidor externo ao sintagma nominal possuído, seria esperado que a ocorrência de adjetivos descritivos (tal como *lindos*) fosse, por um lado, proibida em construções atributivas, tal como o dado em (10b) abaixo, e, por outro lado, exigida em construções predicativas, tal como o dado em (11b) abaixo, refletindo os julgamentos interpretativos possíveis na gramática-adulta.

Construções atributivas (sem verbo possessivo)

- (10) a. O João levantou os dedos<sup>4</sup> *Leitura inalienável possível*  
 b. ?#O João levantou os dedos lindos *Leitura inalienável degradada(?)*  
 c. O João levantou os dedos quebrados *Leitura inalienável possível*

Construções predicativas (com verbo possessivo)

- (11) a. #O João tem os dedos *Leitura inalienável degradada*  
 b. O João tem os dedos lindos *Leitura inalienável possível*  
 c. O João tem os dedos quebrados *Leitura inalienável possível*

Resumidamente, pode-se observar no Quadro 1 abaixo as distinções entre os tipos de posse, sua possibilidade de coocorrência com adjetivos e as possíveis interpretações possessivas obtidas dessas estruturas.

**Quadro 1** - Tipos de posse, adjetivos e interpretação possessiva em PB

TIPO DE POSSE	ADJETIVOS	INTERPRETAÇÃO POSSESSIVA
Predicativa	Descritivos	Inalienável
	Restritivos	Inalienável
	Sem adjetivos	Alienável
Atributiva	Descritivos	Alienável
	Restritivos	Inalienável
	Sem adjetivos	Inalienável

Fonte: elaboração própria

Em relação aos dados de construções atributivas com o possuidor externo ao sintagma nominal possuído, ainda não é possível ter uma posição mais assegurada em relação ao bloqueio da interpretação inalienável em PB, uma vez que isso parece depender também da pluralidade do nome possuído. Entretanto, como se observa em (12) – em que (12a) mostra nomes inalienáveis de partes do corpo naturalmente singulares, (12b-c) mostram nomes inalienáveis de partes do corpo naturalmente plurais, e (12d) mostra nomes de partes do corpo naturalmente massivas –, tem-se a ocorrência de dados como (13), que parecem se assemelhar ao que é afirmado sobre o francês.

- (12) a. #A Maria machucou a cabeça linda.  
 b. ?#A Maria levantou as mãos lindas.  
 c. ?#A Maria levantou os dedos lindos.  
 d. A Maria escovou os cabelos lindos.

- (13) #O João adora os dedos lindos.

4 Faz-se importante destacar, nos exemplos em (10), que, mesmo ocorrendo um verbo tal como *levantar*, que parece favorecer uma plausibilidade derivada de conhecimento de mundo, uma vez que é mais plausível levantar-se os próprios dedos, ainda assim as construções atributivas com adjetivos descritivos (10b) não parecem permitir a leitura inalienável, fortalecendo as hipóteses adotadas nessa pesquisa.

De acordo com o estudo de Vergnaud e Zubizarreta (1992), que também analisa dados do francês, essa restrição se deve à natureza aberta ou fechada da expressão nominal que o adjetivo modifica.

Assim, os sintagmas inalienáveis em construções com o possuidor externo ao sintagma nominal possuído são expressões abertas, como apresentadas acima em (7a-b). Isto é, suas variáveis argumentais não são saturadas no DP, mas em VP ou IP, já que o possuidor é o sujeito da sentença (ou o argumento dativo<sup>5</sup>). Ademais, pelo fato de esses sintagmas serem expressões abertas, não podem funcionar como argumentos.

No caso das construções com possuidor interno ao sintagma nominal possuído, como os exemplos em (14), os sintagmas inalienáveis são expressões fechadas. Ou seja, suas variáveis argumentais são saturadas no DP pelo pronome possessivo. Por este motivo, podem funcionar como argumentos.

- (14) a. O João levantou os dedos *dele*.  
 b. O João levantou os dedos lindos *dele*.  
 c. O João levantou os dedos quebrados *dele*.

Esses autores ainda afirmam que adjetivos descritivos são predicados que tomam argumentos. Assim, modificam apenas expressões fechadas, já que esses adjetivos baseiam-se na relação argumental e essas são as únicas que funcionam como argumento.

Por outro lado, adjetivos restritivos não são predicados que tomam argumentos. Assim, modificam tanto expressões abertas – nas construções com possuidor externo ao sintagma possuído –, quanto expressões fechadas – nas construções com possuidor interno ao sintagma possuído.

Diferentemente dos adjetivos descritivos, os adjetivos restritivos baseiam-se em composição, isto é, o significado do modificador é composto com o do elemento modificado, criando um novo *denotatum*.

Conforme Crisma (1990<sup>6</sup>, 1993<sup>7</sup> *apud* PRIM, 2010), adjetivos pré-nominais são interpretados

5 Embora não sejam construções muito usuais em PB, são bastante produtivas em francês e espanhol e podem ser exemplificadas abaixo em (i), (ii) e (iii):

- |       |                         |               |           |                   |
|-------|-------------------------|---------------|-----------|-------------------|
| (i)   | João se lava as mãos.   | (PB)          |           |                   |
| (ii)  | Jean se lava as mãos.   | lave          | les       | mains. (Francês)  |
|       | Jean-NOM se-DAT.SG      | lavar-PRS.3SG | as.DEF.PL | mãos.PL           |
|       | ‘João se lava as mãos.’ |               |           |                   |
| (iii) | Juán se lava las manos. | lava          | las       | manos. (Espanhol) |
|       | Juán-NOM se-DAT.SG      | lavar-PRS.3SG | as-DEF.PL | mãos.PL           |
|       | ‘João se lava as mãos.’ |               |           |                   |

como descritivos, enquanto adjetivos pós-nominais são, de forma geral, interpretados como restritivos.

Isso explicaria, por um lado, uma maior aceitabilidade da interpretação inalienável quando os adjetivos ocorrem em posição pós-nominal, como em (15b-d), dado que é possível que os adjetivos estejam sendo interpretados como restritivos – o que não feriria a restrição proposta por Kayne (1975).

Por outro lado, na posição pré-nominal, como em (15a'-e'), parece, de fato, haver uma interpretação inalienável mais degradada, além de parecerem dados de estilo literário – sendo, assim, pouco naturais para o PB falado. Isso poderia indicar que o PB se sujeita, ao menos em partes, à restrição de adjetivos em construções atributivas, de forma semelhante ao francês.<sup>6 7</sup>

- (15) a. #A Maria machucou a cabeça grande (#e não a pequena).  
a'. #A Maria machucou a grande cabeça.  
b. A Maria levantou a mão bonita (e não a feia).  
b'. ?#A Maria levantou a bonita mão.  
c. A Maria levantou os dedos grossos (e não os finos).  
c'. ?#A Maria levantou os grossos dedos.  
d. A Maria escovou os cabelos longos (?e não os curtos).  
d'. A Maria escovou os longos cabelos.  
e. #O João adora os dedos finos (#e não os grossos).  
e'. #O João adora os finos dedos.

Isto é, nos exemplos acima, quando em posição pós-nominal, o adjetivo pode ser, além de descritivo, restritivo, e, no último caso, não se sujeitaria à restrição das estruturas inalienáveis adjetivas em construções atributivas. Já, quando em posição pré-nominal, o adjetivo apenas pode ser descritivo, e, portanto, não permitiria a veiculação da leitura inalienável, de acordo com a restrição proposta por Kayne (1975) para construções atributivas.

Em uma pesquisa de caráter experimental, reportada por Mendes (2010b), realizada com adultos falantes nativos de PB, foi aplicado um experimento-piloto com o objetivo de testar a compreensão acerca dessas estruturas. Observou-se que, embora não isento de falhas, o experimento com verbos não-possessivos gerou resultados que confirmaram em parte o que a literatura afirma sobre a interpretação disponível para estas estruturas.

No entanto, nesse experimento não foram analisadas as diferenças concernentes aos diferentes tipos de nomes inalienáveis em relação à sua pluralidade, tampouco foi usado algum verbo tal qual

6 CRISMA, P. *Functional categories inside the noun phrase: a study on the distribution of nominal modifiers*. 1990. Tese. University of Venice.

7 CRISMA, P. *On Adjective Placement in Romance and Germanic Event Nominals*. In: *Rivista di Grammatica Generativa*, 18:61-100, 1993.

*adorar*. Além disso, também não foram exploradas as diferentes posições que o adjetivo pode ocupar, o que torna a presente pesquisa um avanço, além de um aprofundamento, em relação à análise de tais estruturas.

Em relação aos dados de construções predicativas com o possuidor externo ao sintagma possuído, apresentados em (11) acima – e repetidos em (16) abaixo por conveniência –, observa-se, de fato, um bloqueio para a veiculação da interpretação inalienável quando não há um adjetivo modificando o nome possuído. Isso é ilustrado, especificamente, em (16a).

- (16) a. #O João tem os dedos.  
b. O João tem os dedos lindos.  
c. O João tem os dedos quebrados.

Diferentemente das construções atributivas, nas construções predicativas, a pluralidade dos nomes possuídos não parece ser um fator relevante para a veiculação da interpretação inalienável, como ilustram os dados em (17) abaixo.

- (17) a. #A Maria tem a cabeça.  
b. #A Maria tem a(s) mão(s).  
c. #A Maria tem os dedos.  
d. #A Maria tem os cabelos.

De acordo com Guéron (1985), que também analisa dados do francês, o verbo *ter* apresenta uma estrutura de dupla categorização: (i) como verbo lexical transitivo e (ii) como verbo funcional.

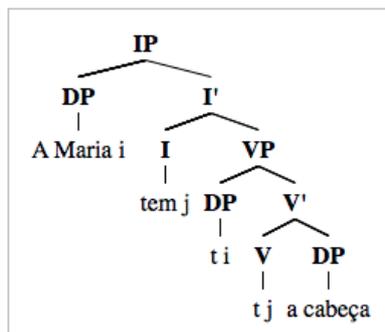
Como verbo lexical transitivo, como nos exemplos em (16a) e em (17), *ter* atribui um papel temático primário a cada um de seus argumentos – externo, *O João*, em (16a), e *A Maria*, em (17), e interno, *os dedos*, em (16a) e *a cabeça/a(s) mão(s)/os dedos/os cabelos*, em (17). No entanto, de acordo com o Critério Temático Revisado pela autora<sup>8</sup>, não é possível formar uma cadeia com dois NPs recebendo papéis temáticos primários e, por isso, a veiculação de leitura inalienável não é permitida, resultando na leitura alienável atestada também em PB. A estrutura arbórea a seguir ilustra essa configuração sintática.

---

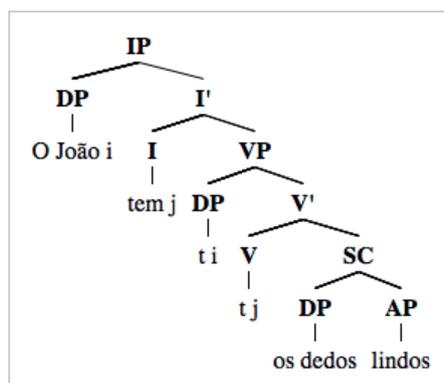
8 Critério temático revisado (GUÉRON, 1985)

- (i) A todo NP com conteúdo lexical é atribuído um e apenas um papel temático.  
(ii) Em LF, toda cadeia contém um único argumento e a toda cadeia é atribuído um único papel temático PRIMÁRIO.

Os papéis temáticos primários seriam, segundo a proposta da autora, AGENTE, TEMA, META e FONTE. Os secundários seriam S-META e S-LOCATIVO.



Como verbo funcional, como nos exemplos em (16b-c), *ter* governa uma *small clause* e não atribui papel temático primário à posição de sujeito da sentença, mas um papel temático secundário disponível para ser atribuído a esta posição. Sendo o predicado da *small clause*, ocupado por um adjetivo, responsável por atribuir um papel temático para o sujeito desta mesma *small clause*, ocupado por um nome inalienável. A estrutura arbórea a seguir ilustra essa configuração sintática.



Assim, sendo respeitado o Critério Temático Revisado proposto pela autora, é possível que haja uma cadeia entre os dois NPs – possuidor e possuído –, uma vez que eles não recebem, ambos, papéis temáticos primários, e, conseqüentemente, a veiculação da leitura inalienável é atestada também nos dados do PB.

Em relação ao verbo *ter* em PB, estudos como os de Ribeiro (1996), Avelar e Callou (2007) e Avelar (2009) discutem sobre seu estatuto funcional e, embora discordem em relação à estrutura específica subjacente deste verbo, concordam em relação à ideia de que há, de fato, uma mesma estrutura subjacente para as construções possessivas, copulativas e existenciais em PB, equiparando, por exemplo, o verbo *ter* ao verbo *estar (com)*. Isso poderia se configurar como uma evidência em direção à análise apresentada anteriormente para as estruturas inalienáveis adjetivas em construções predicativas.

A respeito dos adjetivos que ocorrem em construções predicativas, observa-se que a literatura

menciona apenas adjetivos descritivos como necessários à estrutura para que a veiculação da interpretação inalienável seja possível. Entretanto, nota-se que dados contendo adjetivos classificados como restritivos também veiculam a interpretação inalienável.

De forma semelhante ao que Crisma (1990, 1993) afirma acontecer com adjetivos classificados como descritivos em posição pós-nominal, em que eles podem ser interpretados como restritivos, parece acontecer com os adjetivos classificados como restritivos em posição predicativa, uma vez que, nesta posição, podem ser interpretados de forma descritiva e não mais de forma restritiva, como ilustram os exemplos em (18) abaixo.

- (18) a. A Maria tem a mão congelada (#e não a descongelada).  
b. A Maria tem as unhas quebradas (#e não as inteiras).  
c. A Maria tem os cabelos sujos (#e não os limpos).

Muito embora esses mesmos adjetivos não possam ocupar a posição pré-nominal, destinada aos adjetivos classificados como descritivos de fato, como ilustram os dados em (19) abaixo, evidencia-se que esses são adjetivos restritivos que podem veicular uma leitura descritiva.

- (19) a. \*A Maria tem a congelada mão.  
b. \*A Maria tem as quebradas unhas.  
c. ??\*A Maria tem os sujos cabelos.

Os dados em (20) mostram que, em se tratando de uma *small clause*, mesmo que pouco naturais em PB falado, esses adjetivos podem aparecer em posição anterior, porém, não no interior do sintagma possuído.

- (20) a. A Maria tem congelada a mão.  
b. A Maria tem quebradas as unhas.  
c. A Maria tem sujos os cabelos.

Interessantemente, em construções predicativas com o possuidor interno, parece também haver uma diferença interpretativa em relação à posição do pronome possessivo, como mostram os dados em (21). Os exemplos em (21a-b) parecem veicular a leitura alienável e os dados em (21a'-b') parecem veicular a leitura inalienável.

- (21) a. A Maria tem os dedos quebrados dela.  
a'. A Maria tem os dedos dela quebrados.  
b. A Maria tem os dedos lindos dela | os lindos dedos dela.  
b'. A Maria tem os dedos dela lindos.

Quanto aos resultados obtidos por meio do experimento-piloto supracitado aplicado em adultos falantes nativos de PB, observou-se que, com verbos possessivos, as afirmações da literatura sobre a

interpretação disponível para estas estruturas não são completamente confirmadas.

No entanto, por ter se configurado como pesquisa inicial, nesse experimento não foram analisadas as diferentes posições ocupadas pelo adjetivo e as diferentes configurações contendo o possuidor interno. Dessa forma, uma vez mais, torna a presente pesquisa um avanço em relação à análise de tais estruturas.

Assim, estendendo o que Guéron (1985) afirma para os dados do francês, propõe-se, para os dados do PB, que a restrição proposta por Kayne (1975) para estruturas inalienáveis adjetivas esteja relacionada com a estrutura temática dessas construções.

Em estruturas inalienáveis adjetivas com verbos não-possessivos, adjetivos descritivos não são permitidos, pois atribuem outro papel temático ao NP parte do corpo, que, por sua vez, já recebe um papel temático do verbo lexical e, portanto, ferem o Critério Temático.

Assim, o adjetivo descritivo *lindos*, por exemplo, pode ser caracterizado como um adjetivo adnominal predicador de núcleo, de acordo com as pesquisas de Negrão *et al.* (2008) e Müller *et al.* (2002). Ele atribui um papel temático ao NP parte do corpo, que já recebe um papel temático do verbo lexical.

Já o adjetivo restritivo *quebrados*, por exemplo, não atribui um papel temático ao NP parte do corpo, podendo ser caracterizado como um adjetivo predicativo, de acordo com a classificação proposta nas pesquisas das autoras supracitadas. Por este motivo, este adjetivo é permitido nessa construção, da mesma forma que são permitidas as construções sem adjetivos, nas quais o NP parte do corpo recebe apenas um papel temático – aquele atribuído pelo verbo.

Por outro lado, em estruturas inalienáveis com verbos possessivos, adjetivos descritivos são permitidos, pois atribuiriam um papel temático ao NP parte do corpo, que não recebe nenhum papel temático do verbo, que, por sua vez, não se configura como lexical, mas como funcional.

Assim, o adjetivo descritivo *lindos*, por exemplo, diferentemente do contexto anterior, é permitido, pois ele atribui um papel temático ao NP parte do corpo, que não recebe um papel temático do verbo, já que este se comporta como um verbo funcional e seleciona uma *small clause*, conforme Guéron (1985).

O adjetivo restritivo *quebrados*, neste caso, é classificado como adnominal predicador de núcleo, de acordo com a classificação de Negrão *et al.* (2008) e Müller *et al.* (2002), diferentemente de como é classificado no contexto anterior (em que aparece em construções com verbos não-possessivos). Já que, se neste caso também fosse um adjetivo predicativo, não seria permitido nas construções com

verbos possessivos e copulativos, pois não teria um papel temático para atribuir ao NP parte do corpo, que precisa receber um papel temático.

No caso das construções com verbos possessivos e copulativos sem adjetivo, pelo fato de não haver nenhum papel temático sendo atribuído ao NP parte do corpo pelo verbo, que se comporta como funcional, nem pelo adjetivo, que não está presente, perde-se a interpretação inalienável.

A tarefa da criança seria, portanto, restringir o uso dos diferentes tipos de adjetivos, aparentemente livres em PB, de acordo com a estrutura temática das construções em que eles ocorrem, para adequar as interpretações disponíveis na sua gramática à gramática-alvo.

Sabendo-se que esta não é uma tarefa simples, uma vez que depende de restrições sintático-semânticas muito sutis relacionadas ao tipo de adjetivo e ao tipo de construção possessiva, esta pesquisa visa aprofundar os estudos acerca da posse inalienável por meio de um estudo experimental descrito na seção a seguir.

### **3. Estudo experimental**

Tendo em vista a restrição proposta por Kayne (1975) para o francês, a presente pesquisa lança mão de um estudo experimental que toma por hipótese a possibilidade de o PB se comportar tal qual o francês em relação à possibilidade de veiculação de interpretação inalienável em estruturas possessivas predicativas e atributivas contendo adjetivos e um possuidor externo ao sintagma possuído. Dessa forma, seria esperado que a ocorrência de adjetivos descritivos fosse, por um lado, proibida em construções atributivas, e, por outro lado, exigida em construções predicativas.

Assim, embora haja uma gama de variações nesse tipo de estrutura possessiva, este trabalho delimitou-se a um recorte inicial, mas não menos importante, que analisa as construções predicativas e atributivas apenas com possuidores externos ao sintagma possuído coocorrendo com nomes inalienáveis de partes do corpo<sup>9</sup> e, quando presente, o adjetivo descritivo ou restritivo em posição final, a fim de conceder robustez ao teste-piloto já aplicado anteriormente.

#### **3.1. Participantes**

Para a coleta dos dados experimentais foi aplicado um teste off-line a um total de 38 participantes<sup>10</sup>, que compuseram o *Grupo Experimental (GE)* e o *Grupo Controle (GC)* deste experimento, conforme detalhado na Tabela 1 abaixo.

<sup>9</sup> A presente pesquisa conta apenas com testes envolvendo nomes inalienáveis de partes do corpo. Os testes envolvendo nomes inalienáveis de parentesco serão realizados em uma pesquisa futura.

<sup>10</sup> Agradeço às instituições que permitiram o desenvolvimento do estudo: CECI Integral/DEdIC/UNICAMP e PRODECAD/DEdIC/UNICAMP.

Tabela 1 - Total de participantes

Informantes	GE1		GE2			GC	Total
	4;0	5;0	6;0	7;0	8;0	Adultos	
Total	8	7	3	4	6	10	38
	15		13				

Fonte: elaboração própria

Os participantes infantis foram divididos em dois grupos, *GE1* e *GE2*. Sendo que o *GE1* foi composto por crianças mais jovens, de quatro e cinco anos de idade, sendo sete meninas e oito meninos, enquanto o *GE2* foi composto por crianças mais velhas, de seis a oito anos de idade, sendo nove meninas e quatro meninos. A escolha dessa faixa etária deve-se às pesquisas anteriormente realizadas sobre o tema, tais como Mendes (2017, 2015, 2010a, 2010b, 2010c), que mostram a conversão da gramática infantil em direção à gramática adulta, isto é, a aquisição das leituras disponíveis às estruturas inalienáveis em PB, por volta do cinco e seis anos de idade.

Já os participantes adultos compuseram o *GC*, tendo entre 18 e 30 anos de idade, que, além de tornar possível a análise da gramática adulta em relação a esses tipos de construções possessivas – uma vez que não há este tipo de estudo para o PB –, também serve como referência de gramática-alvo com a qual se estabelecerá um paralelo tendo em vista os resultados infantis.

A aplicação dos testes foi permitida mediante autorização dada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – vide o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 04440918.8.0000.8142, disponível online no site da Plataforma Brasil. Além disso, cada uma das escolas também autorizou a aplicação dos testes e, por fim, os pais de cada uma das crianças assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a participação delas nos experimentos, bem como a utilização dos seus dados nesta pesquisa. No caso dos adultos, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido também foi assinado por cada um dos participantes autorizando a aplicação dos testes e a utilização dos seus dados neste trabalho.

### 3.2. Metodologia

O teste que será descrito a seguir foi baseado na Tarefa de Seleção de Figura (TSF), um método experimental usado para recolhimento de dados de compreensão e caracterizado por Gerken & Shady (1996) como “uma tarefa de compreensão em que ao ouvinte é apresentado um estímulo linguístico (por exemplo, uma palavra ou uma sentença) e é pedido para que ele selecione, de um conjunto de figuras, aquela que corresponde melhor a ele”<sup>11</sup> (p. 125). Esse método foi adotado neste trabalho para verificar a interpretação semântica de contrastes morfosintáticos específicos, uma vez que se

11 Do original: “a comprehension task in which the listener is presented with some linguistic stimulus (e.g., a word or a sentence) and asked to select from a set of pictures the one that best corresponds to it” (GERKEN & SHADY, 1996:125).

procurou “inferir a natureza das representações morfosintáticas infantis examinando os tipos de erros de compreensão que elas cometem”<sup>12</sup> (p. 126).

O experimento consistiu em um jogo simples, em que o objetivo era passar pelas “fases” (compostas por sentenças-teste e distratores), mostrando para a experimentadora qual imagem dentre as apresentadas seria a mais adequada em relação à sentença proferida. Assim, o participante conseguia o maior número de estrelas e concorria ao troféu disponível no final da brincadeira. Dessa forma, pôde-se entreter as crianças de maneira efetiva durante o teste e evitar que elas ficassem entediadas.

Para contextualizar os elementos do experimento – personagens, cenas, sentenças-teste e distratores –, a experimentadora contou uma história, apresentando os personagens e o que eles iriam fazer, bem como explicou o jogo e proferiu as sentenças-teste e distratores.

A história versava sobre quatro animais – o coelho, o elefante, o jacaré e o leão – que eram amigos e foram brincar juntos no tanque de areia de um parque. Lá encontraram uma caixa cheia de brinquedos e, ao abrir essa caixa, os animais viram uma série de partes do corpo de brinquedos que eles resolveram usar para se fantasiar.

Assim, enquanto os animais brincavam com o que eles haviam encontrado, o participante e a experimentadora iniciavam o jogo, que é o experimento em si, observando o que iria acontecer com os personagens da história.

No total, o teste exibiu 32 telas aos participantes, sendo que 24 delas continham sentenças-teste, como as apresentadas em (22)-(27) abaixo, e oito delas continham distratores, como os apresentados em (28) abaixo.

#### Construções predicativas com adjetivo descritivo

- |  |   |
|--|---|
| (22) a. Me mostra quem tem as orelhas compridas. | Nome inalienável duplo (Npc2) <sup>13</sup> |
| b. Me mostra quem tem os dentes brancos.         | Nome inalienável múltiplo (Npc>2)           |
| c. Me mostra quem tem a juba laranja.            | Nome inalienável massivo (NpcM)             |
| d. Me mostra quem tem a tromba grande.           | Nome inalienável único (NpcU)               |

12 Do original: “to infer the nature of children’s morphosyntactic representations by examining the types of comprehension errors that they make” (GERKEN & SHADY, 1996:126).

13 Essas siglas serão utilizadas para a apresentação e análise dos resultados. É importante salientar, aqui, que “Npc” se refere à “nome de parte do corpo”, uma vez que, em um futuro estudo, pretende-se abordar a comparação destes com nomes relacionais (“Nr”).

Construções predicativas com adjetivo restritivo

- |   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| (23) a. Me mostra quem tem o olho sujo. | Nome inalienável duplo (Npc2)     |
| b. Me mostra quem tem o dedo sujo.      | Nome inalienável múltiplo (Npc>2) |
| c. Me mostra quem tem o bigode sujo.    | Nome inalienável massivo (NpcM)   |
| d. Me mostra quem tem o focinho sujo.   | Nome inalienável único (NpcU)     |

Construções predicativas sem adjetivo

- |   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| (24) a. Me mostra quem tem as sobrancelhas. | Nome inalienável duplo (Npc2)     |
| b. Me mostra quem tem as unhas.             | Nome inalienável múltiplo (Npc>2) |
| c. Me mostra quem tem a juba.               | Nome inalienável massivo (NpcM)   |
| d. Me mostra quem tem a tromba.             | Nome inalienável único (NpcU)     |

Construções atributivas com adjetivo descritivo

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| (25) a. Me mostra quem sujou as orelhas compridas. | Nome inalienável duplo (Npc2)     |
| b. Me mostra quem sujou os dentes brancos.         | Nome inalienável múltiplo (Npc>2) |
| c. Me mostra quem sujou a juba laranja.            | Nome inalienável massivo (NpcM)   |
| d. Me mostra quem sujou a tromba grande.           | Nome inalienável único (NpcU)     |

Construções atributivas com adjetivo restritivo

- |  |                                   |
|--|-----------------------------------|
| (26) a. Me mostra quem sujou o olho machucado. | Nome inalienável duplo (Npc2)     |
| b. Me mostra quem sujou o dedo machucado.      | Nome inalienável múltiplo (Npc>2) |
| c. Me mostra quem sujou o bigode cortado.      | Nome inalienável massivo (NpcM)   |
| d. Me mostra quem sujou o focinho machucado.   | Nome inalienável único (NpcU)     |

Construções atributivas sem adjetivo

- |   |                                   |
|---|-----------------------------------|
| (27) a. Me mostra quem sujou as sobrancelhas. | Nome inalienável duplo (Npc2)     |
| b. Me mostra quem sujou as unhas.             | Nome inalienável múltiplo (Npc>2) |
| c. Me mostra quem sujou a juba.               | Nome inalienável massivo (NpcM)   |
| d. Me mostra quem sujou a tromba.             | Nome inalienável único (NpcU)     |

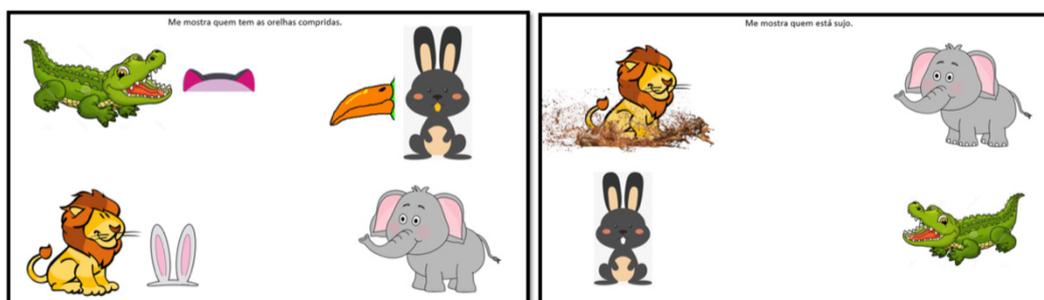
Distratores

- |                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| (28) a. Me mostra quem está molhado. |  |
| b. Me mostra quem está sujo.         |  |

Como se pode observar, as sentenças-teste resultam da interação de três variáveis, formando um teste no formato 2x4x3:

- Construção possessiva: *predicativa* ou *atributiva*.
- Unicidade do nome inalienável: *duplo*, *múltiplos*, *massivo* e *único*.
- Tipo de adjetivo: *descritivo*, *restritivo* e *ausente*.

Tanto as sentenças-teste quanto os distratores foram proferidos pela experimentadora tão logo a tela com as imagens correspondentes era apresentada ao participante. Em ambos os casos, esta tela era composta por quatro imagens. No entanto, no primeiro caso, uma das imagens correspondia à leitura alienável, outra à leitura inalienável e as duas restantes a distratores. Já no último caso, apenas uma das imagens correspondem à sentença proferida, enquanto as outras três imagens restantes eram distratores. Os pares de Figuras 1 e 2 ilustram isso



Fonte: elaboração própria

Os participantes escolhiam as imagens que consideravam mais adequadas à sentença proferida por meio de apontamento ou verbalmente. Não foi estipulado um tempo mínimo ou máximo para a resposta, porém todos os participantes levaram um curto período para tomar a sua decisão e, por ser uma tarefa curta e simples, não houve desistências. A escolha foi registrada pela experimentadora em uma folha de papel que continha o questionário do teste impresso. Por fim, as sentenças-teste e distratores foram apresentados em ordem aleatória, bem como as imagens correspondentes às leituras possíveis também foram trocadas de lugar ao longo do experimento, evitando, dessa forma, algum tipo de enviesamento nos resultados obtidos.

#### 4. Resultados e discussão

Levando-se em consideração o design e o público-alvo deste experimento, os resultados advindos da aplicação do teste descrito acima foram analisados de acordo com a *análise livre* das respostas. Isto é, foram consideradas todas as opções de interpretação escolhidas pelo informante – ainda que grande parte dos informantes infantis tenha feito apenas uma escolha interpretativa.

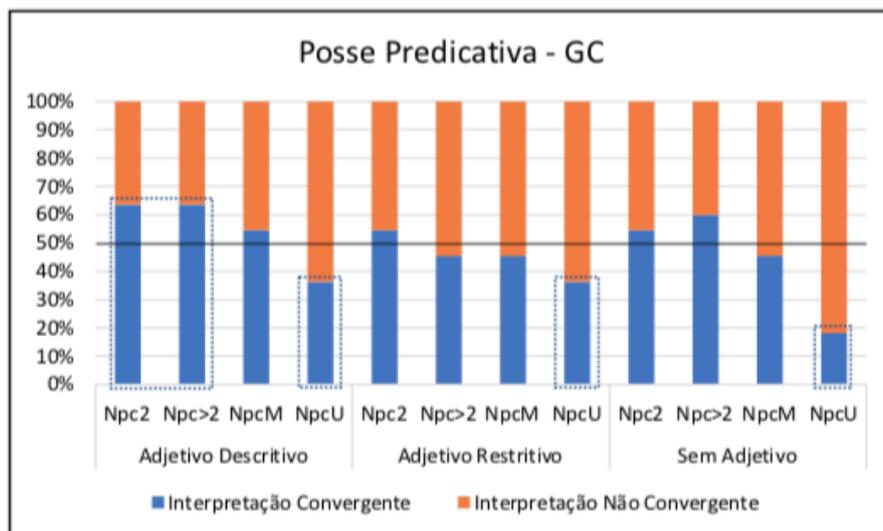
A seguir, segue-se a análise dos resultados, que será apresentada de acordo com o tipo de construção possessiva, sendo exibidos, em primeiro lugar, aquela referente à posse predicativa e, em seguida, aquela que diz respeito à posse atributiva.

#### 4.1. Posse predicativa

Retomando as hipóteses atribuídas à posse predicativa, caso o PB adulto se comportasse tal qual outras línguas românicas em relação a esse tipo de construção possessiva, seria esperado que a leitura inalienável fosse preferencial quando presente, ao menos, o adjetivo descritivo na estrutura. Já no caso de ausência de adjetivos na estrutura, seria prevista a preferência pela leitura alienável.

No entanto, diferentemente do esperado<sup>14</sup> de acordo com a hipótese adotada, como se observa no Gráfico 1 abaixo, a gramática adulta do PB parece exibir, de forma geral, um comportamento *chance* em relação às interpretações disponíveis para esse tipo de construção possessiva. Observa-se uma preferência um pouco mais marcada em duas situações: (i) quando se trata de um nome inalienável contável não-único em construções com adjetivo descritivo, tais como as sentenças em (22a,b,c), e (ii) quando se trata de um nome inalienável único, especialmente em construções sem adjetivo, tal como (24d), e, ainda assim, contrariamente à hipótese aventada.

**Gráfico 1**<sup>15</sup> - Resultados gerais do Grupo Controle em construções de Posse Predicativa



Fonte: elaboração própria

14 Aqui, a *interpretação esperada* ou *convergente* é tomada como aquela que seria a interpretação escolhida, de acordo com a hipótese adotada. Variando entre alienável ou inalienável, conforme é modificada a construção sintática e as suas condições em relação ao que afirma a teoria.

15 Em todos os gráficos, “C” abrevia interpretação *convergente* e “NC” abrevia a interpretação *não convergente*, sendo essas leituras especificadas em cada um dos gráficos de análise. Além disso, retoma-se que “Npc” se refere a “Nomes de Partes do Corpo”, sendo “Npc2” os nomes de partes duplas; “Npc>2”, os nomes de partes múltiplas; “NpcM”, os nomes de partes massivas; e “NpcU”, os nomes de partes únicas.

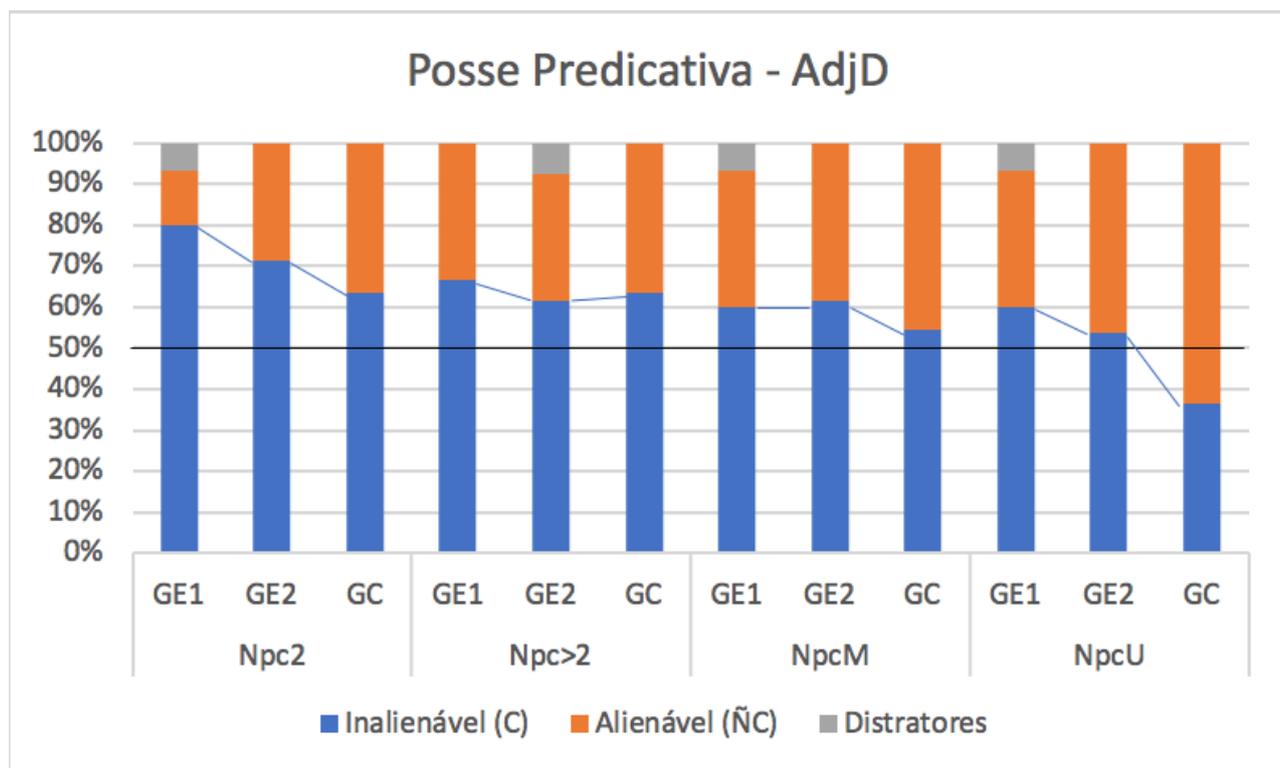
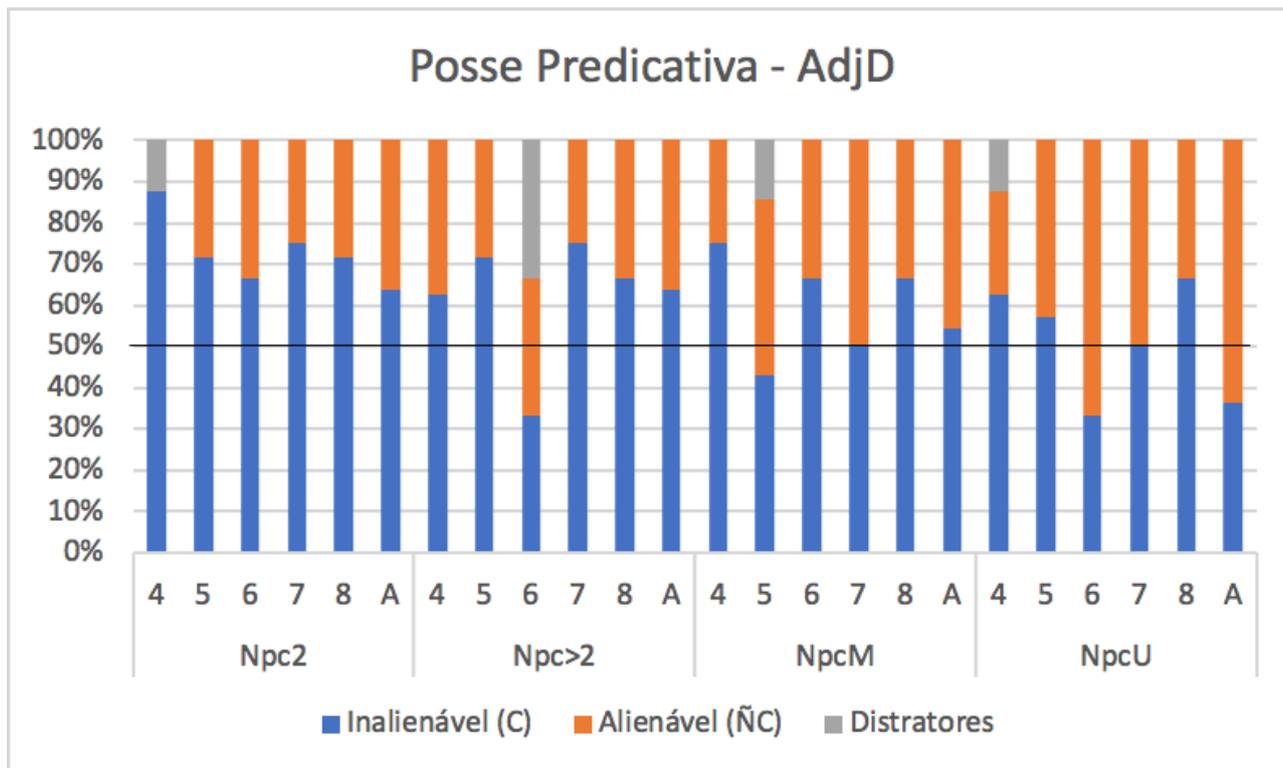
Observando o Gráfico 1 em detalhes, parece haver influência de duas variáveis, a saber, *Unicidade do nome inalienável* e *Tipo de adjetivo*. Por um lado, quando presentes na estrutura nomes inalienáveis não-únicos (duplos, múltiplos ou massivos), as taxas de preferência para a interpretação convergente – isto é, interpretação inalienável, no caso de presença de adjetivo na estrutura, e interpretação alienável, no caso em de ausência de adjetivo na estrutura – giram entre 45% e 63%. Sendo o valor mais alto referente às estruturas com adjetivos descritivos coocorrendo com nomes inalienáveis contáveis não-únicos. Por outro lado, quando estão presentes na estrutura nomes inalienáveis únicos, as taxas de preferência para a interpretação convergente são de 36% para estruturas com adjetivo e 18% para estruturas sem o adjetivo.

Assim, parece haver um sutil favorecimento da interpretação inalienável quando presentes na estrutura nomes inalienáveis contáveis e não-únicos e adjetivos descritivos, corroborando com a hipótese adotada. Além disso, parece ocorrer um favorecimento maior dessa mesma leitura quando, na estrutura, estão presentes nomes inalienáveis únicos e ausentes os adjetivos, contestando a hipótese aventada na pesquisa.

Já a leitura alienável parece ser favorecida quando estão presentes na estrutura nomes inalienáveis únicos coocorrendo com adjetivos, contrariamente à hipótese aventada. De uma forma mais sutil, pode-se dizer que essa leitura também parece ser favorecida quando presentes nomes inalienáveis múltiplos coocorrendo em estruturas sem adjetivo, tal qual prevê a hipótese adotada.

Em relação à gramática infantil, espera-se, de acordo com a hipótese tomada nessa pesquisa, uma preferência generalizada pela leitura inalienável, sendo esta a interpretação escolhida independentemente das condições sintáticas presentes na sentença. Apresentados em comparação com a gramática adulta, seguem abaixo os gráficos referentes aos resultados obtidos com relação à variável *Tipo de adjetivo* – adjetivo descritivo (AdjD), adjetivo restritivo (AdjR) e sem adjetivo (Sadj), respectivamente. Sendo que os Gráficos 2a, 3a e 4a, à esquerda, apresentam os resultados por idade – 4;0, 5;0, 6;0, 7;0, 8;0 anos de idade e A(dultos) –, enquanto os Gráficos 2b, 3b, e 4b, à direita, exibem os resultados por grupo etário – GE1, GE2 e GC.

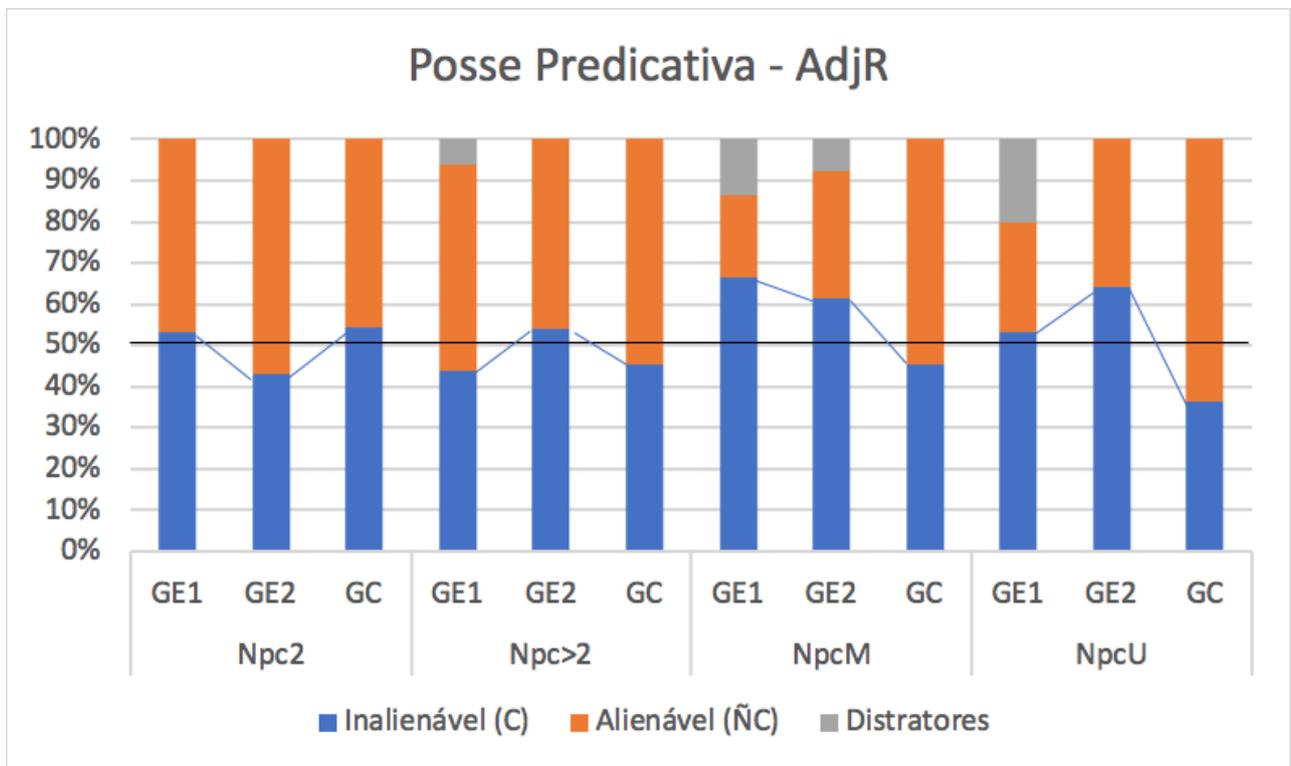
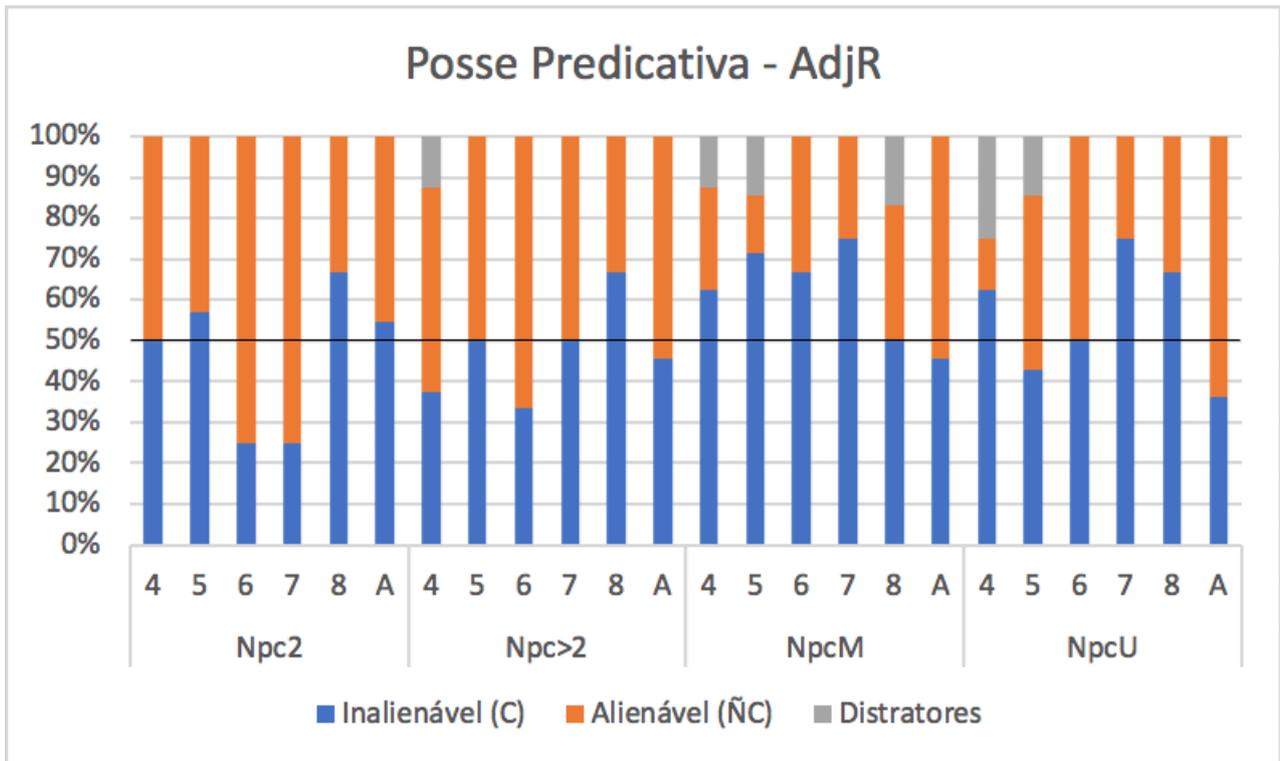
Gráfico 2a e 2b<sup>16</sup> - Resultados por idade e Resultados por grupo etário – Adjetivo Descritivo



Fonte: elaboração própria

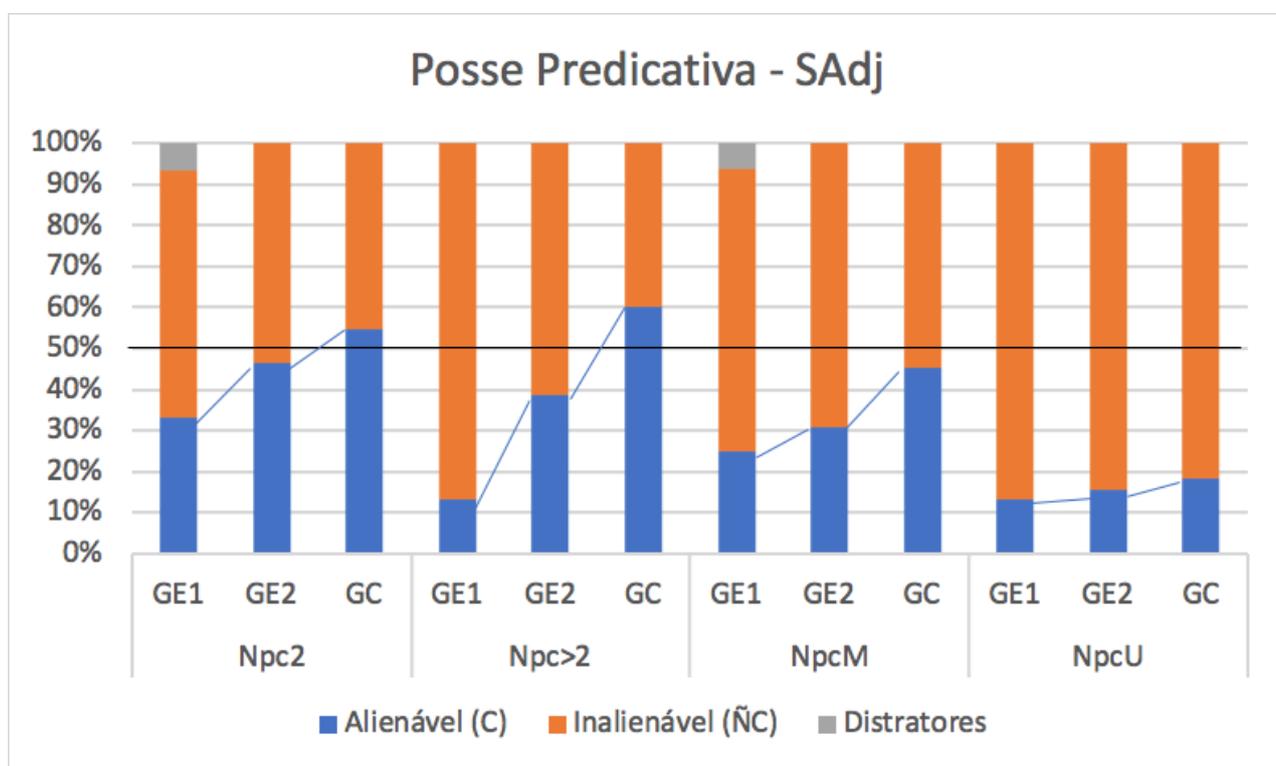
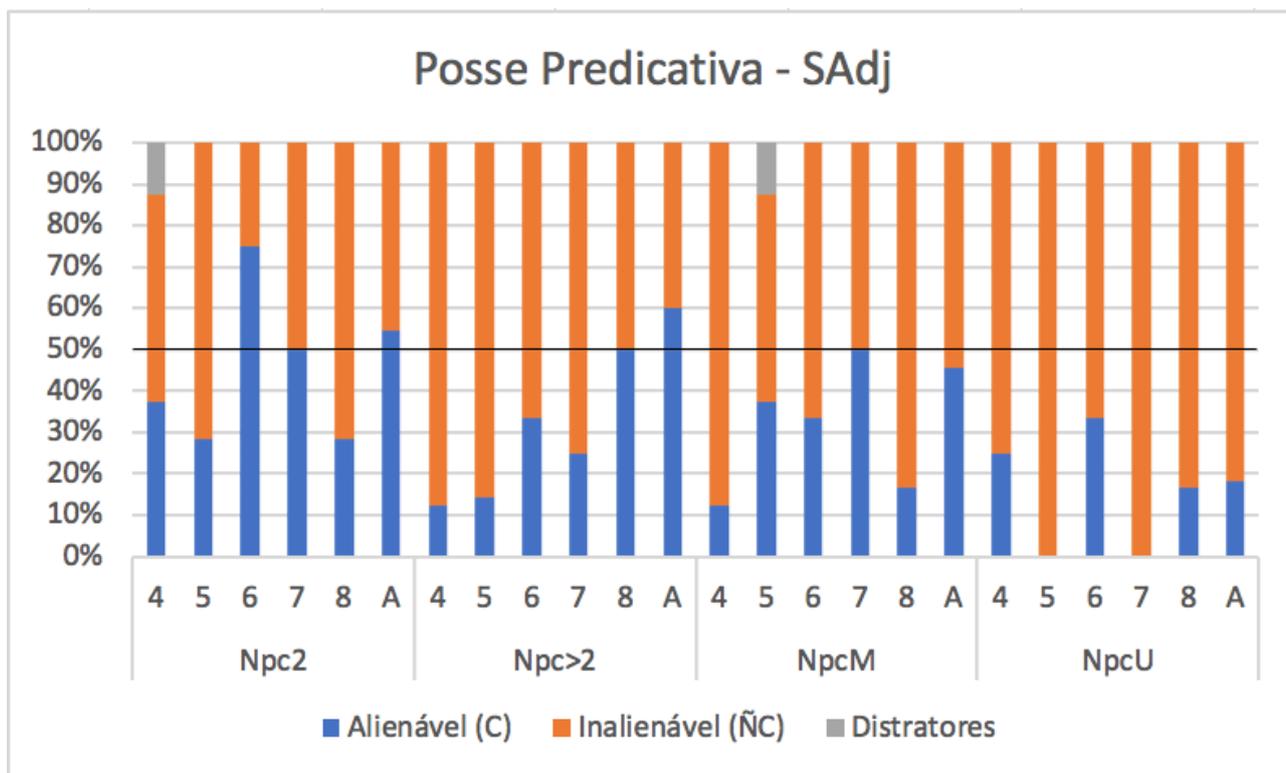
16 Nessa seção de gráficos, bem como na que será apresentada adiante, há, na legenda, além das leituras, também os distratores. Eles referem-se às taxas de escolha por imagens distratoras na tela do teste, sendo imagens que não veiculam nem a leitura alienável e nem a leitura inalienável.

**Gráfico 3a e 3b - Resultados por idade e Resultados por grupo etário – Adjetivo Restritivo**



Fonte: elaboração própria

Gráfico 4a e 4b - Resultados por idade e Resultados por grupo etário – Sem Adjetivo



Fonte: elaboração própria

O que pode ser observado nos Gráficos 2a-b e 3a-b e 4a-b acima é que, independentemente da presença e do tipo de adjetivo, isto é, seja o adjetivo descritivo ou restritivo ou ainda esteja esse elemento ausente, os participantes infantis, em especial aqueles pertencentes ao grupo dos mais jovens (GE1) tendem, de forma geral, a dar uma maior preferência à leitura inalienável, mesmo quando ela não seria a favorecida, haja vista a maior taxa em azul nos Gráficos 2b e 3b, assim como uma maior taxa de alaranjado no Gráfico 4b – seja pela hipótese adotada nesta pesquisa ou pela preferência exibida pelos resultados da gramática adulta. Os participantes infantis mais velhos (GE2), que também apresentam essa tendência, a exibem, porém, de uma forma mais moderada, quando comparados aos do GE1. O que indica uma aproximação em direção à gramática-alvo. Já os adultos, por outro lado, apresentam uma tendência ainda menor à leitura inalienável ou ainda uma tendência contrária – daí as curvas descendentes no Gráfico 2b, nos quais a leitura inalienável seria a esperada de acordo com a hipótese aventada e as curvas ascendentes no Gráfico 4b, em que a leitura alienável seria a esperada de acordo com a hipótese adotada.

Ainda que não haja uma curva ascendente ou descendente em todos os resultados da condição em que estão presentes adjetivos restritivos, apresentando-se em “U” ou “U invertido”, como pode-se observar no Gráfico 3b, as taxas exibidas pela gramática infantil se mostram, ao menos, semelhantes àquelas apresentadas pela gramática-alvo e/ou giram em torno de um comportamento *chance*.

Assim, pode-se dizer que a hipótese aventada nesta pesquisa, em relação ao processo de aquisição dessas construções possessivas parece ser corroborado. Estruturas possessivas inalienáveis adjetivas em construções de posse predicativa com o possuidor externo ao sintagma possuído apresentam, na gramática infantil do PB, uma preferência pela leitura inalienável mesmo sem qualquer adjetivo presente na estrutura do sintagma nominal possuído, tal como o fazem na presença de um adjetivo, aproximando-se da gramática adulta na medida em que avançam no processo de aquisição da linguagem.

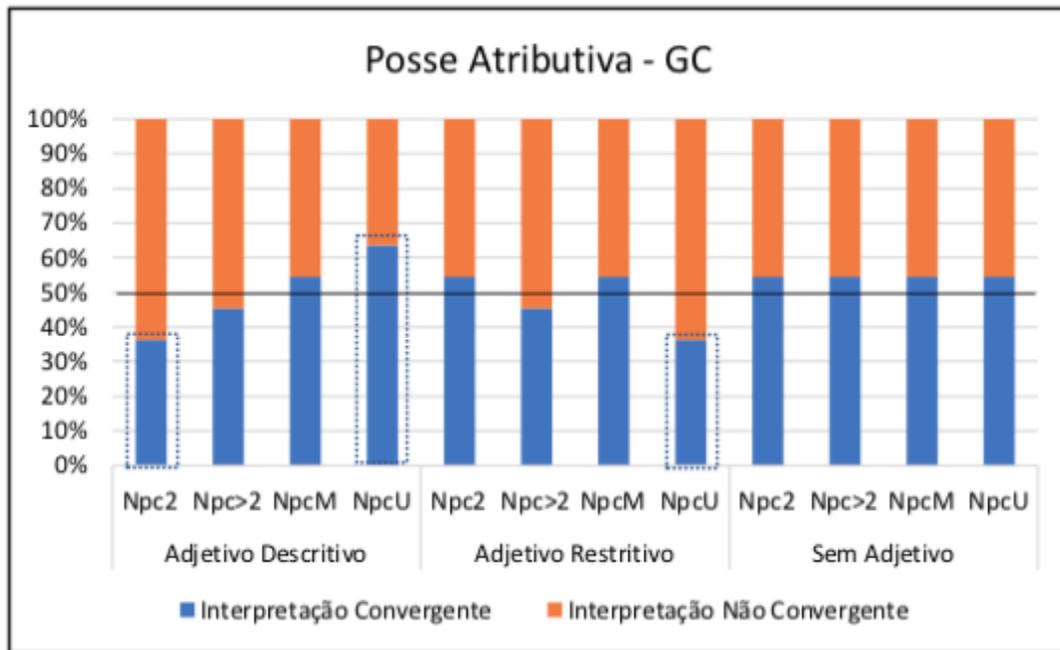
#### **4.2. Posse atributiva**

Em relação às hipóteses adotadas para a posse atributiva, seria previsto, por um lado, que a leitura inalienável fosse preferencial quando os adjetivos descritivos estivessem ausentes na estrutura, e, por outro lado, a preferência pela leitura alienável no caso da presença desses adjetivos na estrutura – caso o PB adulto se comportasse tal qual outras línguas românicas em relação a esse tipo de construção possessiva.

Entretanto, contrariamente ao esperado conforme a hipótese adotada, como ilustra o Gráfico 5 abaixo, a gramática adulta do PB parece apresentar, de forma geral, um comportamento *chance*

nessas construções, tal qual ocorre nas construções exibidas anteriormente. Observa-se uma sutil preferência um pouco mais marcada nos contextos em que está presente um adjetivo em coocorrência com um nome inalienável único ou duplo, como em (25a,d) e (26a,d).

**Gráfico 5** - Resultados gerais do Grupo Controle em construções de Posse Atributiva



Fonte: elaboração própria

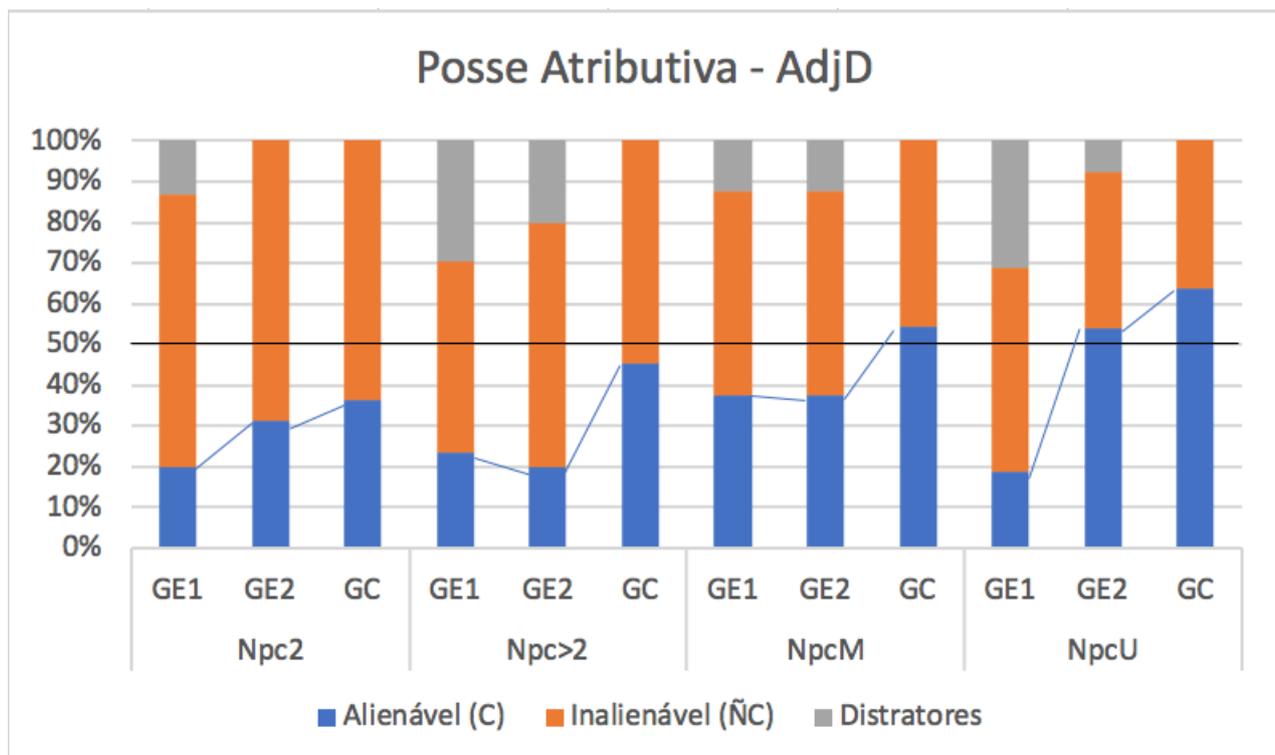
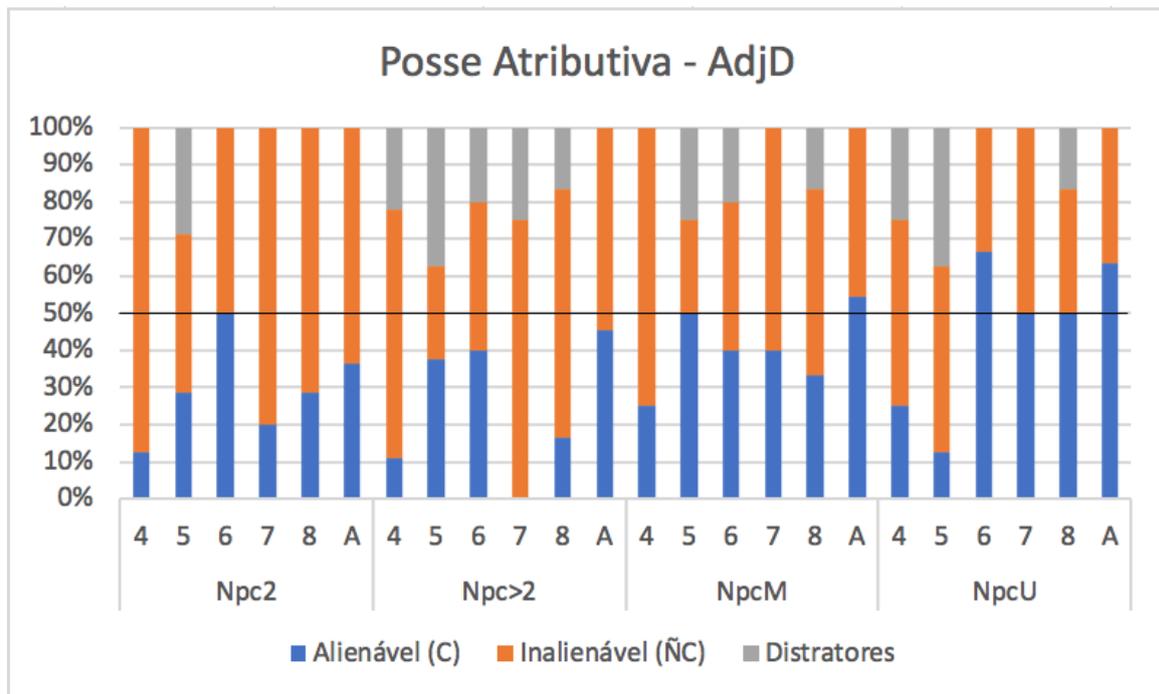
O Gráfico 5, de forma detalhada, também parece apresentar a influência das duas variáveis *Unicidade do nome inalienável* e *Tipo de adjetivo* – mais especificamente em relação à sua presença *versus* sua ausência. Em estruturas sem adjetivos observa-se um comportamento *chance*, independentemente da unicidade do nome inalienável. Já em estruturas com adjetivo, nota-se uma variação nas taxas de preferência da interpretação convergente – que, neste caso, seria a leitura alienável quando presente o adjetivo descritivo e, a leitura inalienável, quando presente o adjetivo restritivo – girando entre 63% para estruturas contendo nomes inalienáveis únicos coocorrendo com adjetivos descritivos e 36% para estruturas contendo nomes inalienáveis únicos coocorrendo com adjetivos restritivos e para estruturas contendo nomes inalienáveis duplos coocorrendo com adjetivos descritivos.

Assim, parece haver um favorecimento sutil, por um lado, da leitura alienável na coocorrência entre nomes inalienáveis únicos e adjetivos descritivos ou restritivos – sendo que apenas o primeiro caso corrobora com a hipótese aventada na pesquisa –, e, por outro lado, da leitura inalienável na coocorrência entre nomes inalienáveis duplos e adjetivos descritivos – um outro caso contrário à hipótese adotada.

Em relação à gramática infantil, em que se espera a superextensão da leitura inalienável para

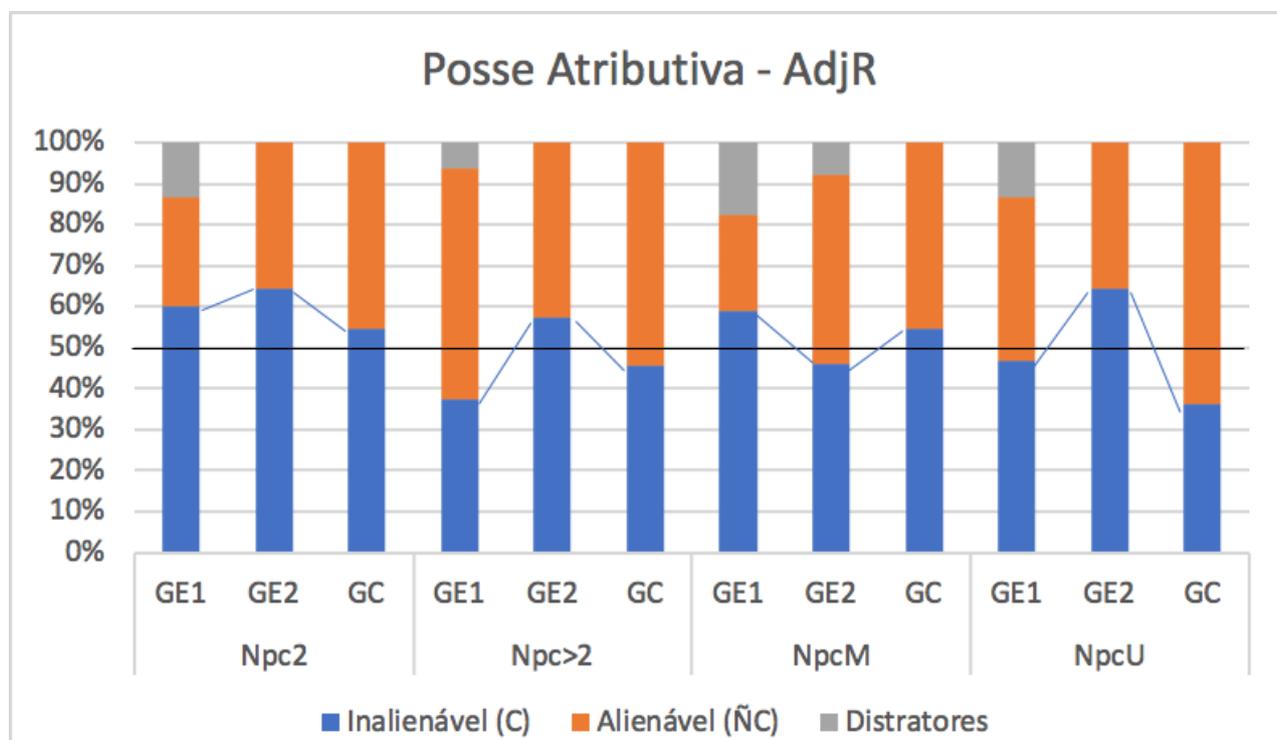
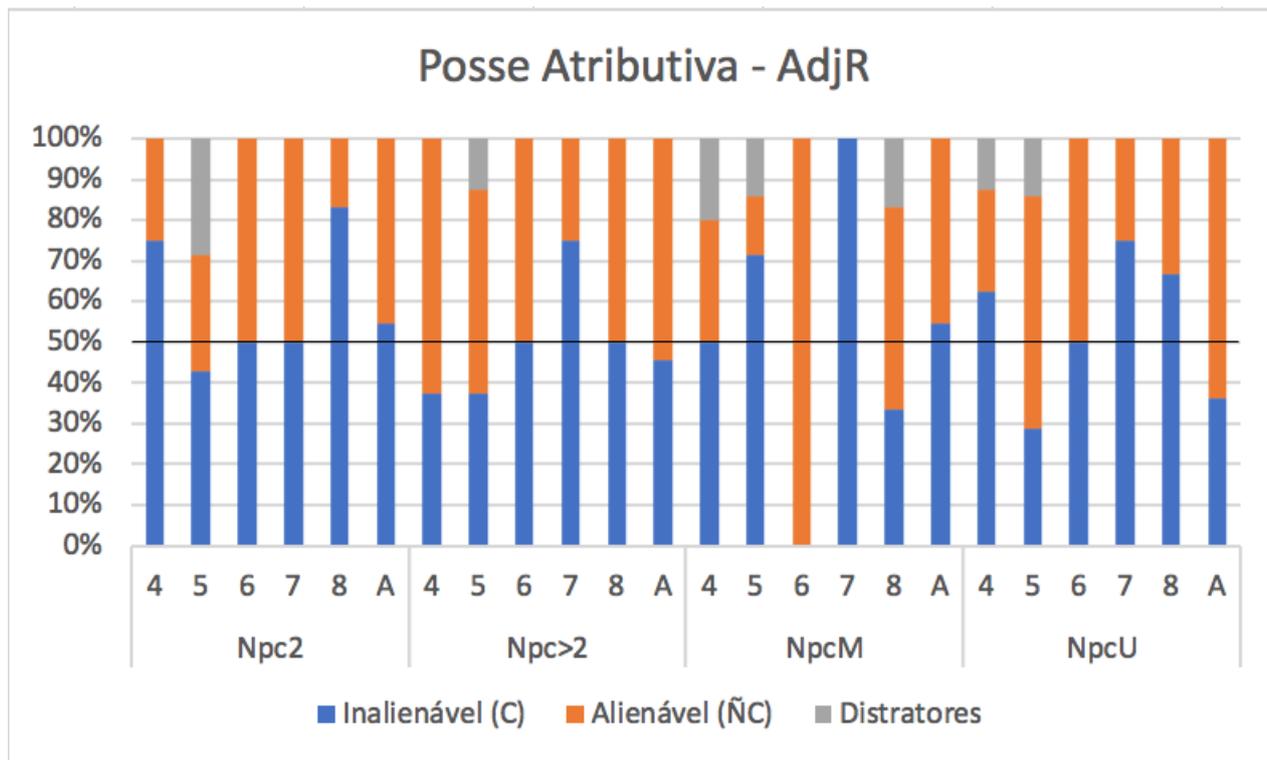
qualquer que seja a condição sintática apresentada, é, aqui também, exibida em comparação com a gramática adulta. Assim, seguem abaixo, organizados da mesma forma em que foram apresentados na subseção anterior, os gráficos referentes aos resultados obtidos.

**Gráfico 6a e 6b** - Resultados por idade e Resultados por grupo etário – Adjetivo Descritivo



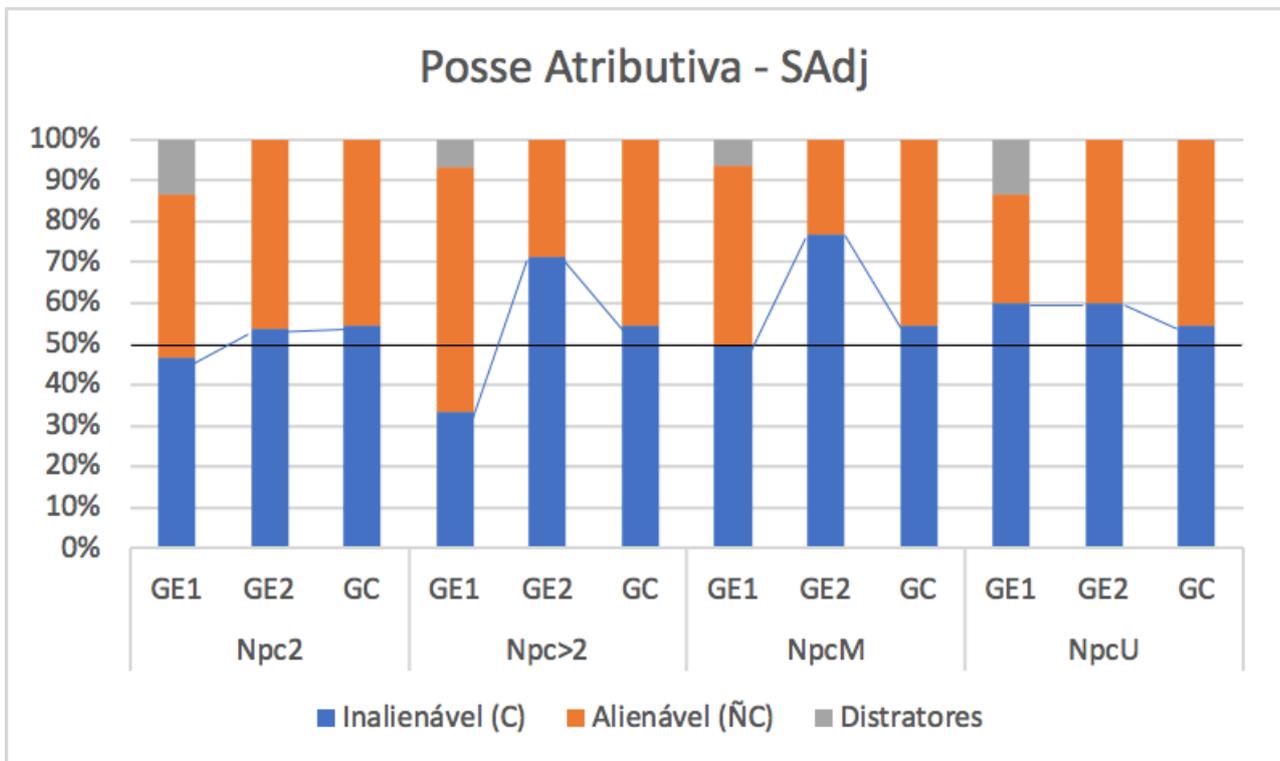
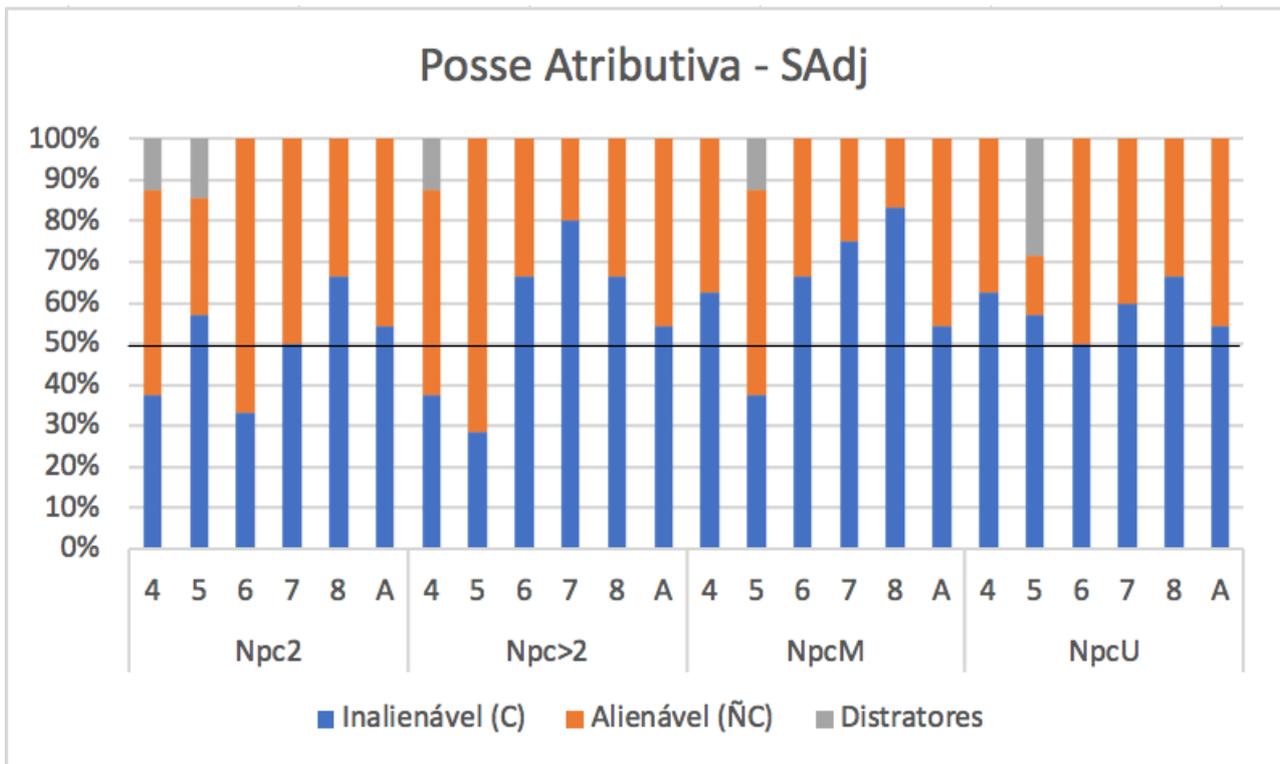
Fonte: elaboração própria

Gráfico 7a e 7b - Resultados por idade e Resultados por grupo etário – Adjetivo Restritivo



Fonte: elaboração própria

**Gráfico 8a e 8b** - Resultados por idade e Resultados por grupo etário – Sem Adjetivo



Fonte: elaboração própria

Os Gráficos 6a-b e 7a-b e 8a-b acima mostram que, de uma forma geral, parece haver uma

tendência mais sutil neste tipo de posse, comparando-se ao anterior, à escolha da leitura inalienável por parte dos participantes infantis. Destacam-se, em algumas condições, uma preferência mais marcada proveniente dos resultados do GE1 e, em outras, proveniente dos resultados do GE2. Em comparação aos resultados do GC, aqueles obtidos da gramática infantil parecem se destacar na preferência pela leitura inalienável, uma vez que as taxas em relação a essa leitura são, de forma geral, mais altas ou iguais àquelas obtidas dos resultados adultos. Em relação à gramática-alvo, observa-se no Gráfico 6b, que, por sua vez, trata de uma condição de restrição da leitura inalienável, curvas ascendentes em todos os contextos analisados. Esses resultados parecem mostrar um caminho de aquisição claro entre a gramática infantil e a gramática adulta. Já os Gráficos 7b e 8b, nos quais se esperava uma porcentagem maior de preferência em relação à leitura inalienável em ambos os grupos testados, parecem evidenciar uma variação entre as leituras disponíveis na gramática da língua além de padrões de curva variados.

Dessa forma, ao menos parcialmente, pode-se dizer que as hipóteses aventadas na pesquisa parecem ser corroboradas. Estruturas possessivas inalienáveis adjetivas em construções de posse atributiva com o possuidor externo ao sintagma possuído apresentam, na gramática infantil do PB, uma preferência pela leitura inalienável mesmo quando presente um adjetivo descritivo no sintagma nominal possuído, tal qual o fazem, ainda que em menor proporção, na presença de um adjetivo restritivo ou na ausência deste elemento na estrutura.

### **Considerações finais**

Aprofundando os estudos realizados por Mendes (2015, 2017) em relação às estruturas possessivas inalienáveis, a presente pesquisa teve dois objetivos principais. Por um lado, buscou-se investigar o seu comportamento diante de restrições citadas na literatura da área referentes a construções predicativas e atributivas modificadas (ou não) por adjetivos (KAYNE, 1975; GUÉRON, 1985; VERGNAUD; ZUBIZARRETA, 1992), uma vez que, aparentemente, haveria variação no licenciamento da leitura inalienável também em PB. Por outro lado, examinou-se como se dá a aquisição dessas construções, especialmente no que concerne a essas restrições específicas.

Para tanto, foi desenvolvido e aplicado um experimento off-line a um total de 38 participantes, divididos em três grupos: GE1 (Grupo Experimental das crianças mais jovens); GE2 (Grupo Experimental das crianças mais velhas) e GC (Grupo Controle). O teste, baseado na Tarefa de Seleção de Figura (TSF), apresentou 24 sentenças-teste aos participantes – além de oito distratores – que resultaram da interação entre três variáveis: (i) construção possessiva (ii) unicidade do nome

inalienável e (iii) tipo de adjetivo.

Em relação aos resultados do GC, diferentemente do esperado de acordo com a hipótese adotada, a gramática adulta do PB não parece se comportar tal qual o francês em relação às restrições examinadas nesta pesquisa. Os dados revelam, de forma geral, um comportamento *chance*, apresentando, apenas sob poucas condições, algum tipo de preferência por alguma das duas leituras disponíveis. Acredita-se que isso se deva a um problema de ordem metodológica, uma vez que, diferentemente dos participantes infantis, os participantes adultos escolheram ambas as opções – alienável e inalienável – para responder às sentenças-teste.

Já em relação aos resultados dos GE1 e GE2, considerando-se que a leitura inalienável esteja disponível desde a fase inicial da gramática infantil e seja esta, inclusive, a interpretação generalizada esperada durante o início do processo de aquisição da linguagem, os resultados pertinentes a duas condições estruturais específicas apresentadas no experimento realizado requerem uma atenção especial, uma vez que são elas, de acordo com a hipótese adotada, que restringem a ocorrência desta leitura: (i) aqueles obtidos sob a condição de posse predicativa ocorrendo sem a presença de um adjetivo e (ii) aqueles obtidos sob a condição de posse atributiva ocorrendo com a presença de um adjetivo descritivo.

É possível observar, em ambos os casos, uma curva ascendente em relação à leitura preferida esperada (alienável), indicando, portanto, uma possível restrição da leitura inalienável – generalizada nas fases iniciais – ao longo do processo de aquisição da linguagem, aproximando a gramática infantil da gramática alvo na medida em que a criança cresce, conforme prevê a hipótese adotada.

Assim, entende-se que, embora a presente pesquisa colabore com o campo da Aquisição da Linguagem Experimental, sobretudo explorando as tão pouco estudadas construções possessivas inalienáveis, muito trabalho ainda precisa ser feito em relação a esse tema, especialmente dentro desse tipo de configuração estrutural, não apenas em relação à gramática infantil, mas também com respeito à gramática adulta.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER, Jean-Marc. *The syntax of unselective binding*. Los Angeles: University of Southern California, 1988.

AVELAR, Juanito. The comitative-copular basis of possessive-existencial constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo. (ed.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*.

*Linguistik Aktuell / Linguistics Today* 142. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2009, p. 139-160.

AVELAR, Juanito e CALLOU, Dinah. Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; TORRES MORAIS, Maria Aparecida Correa Ribeiro; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos; CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. (orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo / Campinas: FAPESP / Pontes Editores, 2007, p. 375-402.

BARON, Irène e HERSLUND, Michael. Introduction. In: BARON, Irène; HERSLUND, Michael e SØRENSEN, Finn. *Dimensions of possession*. TSL 47. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2001, p. 1-25.

CASTRO, Ana. *On possessives in Portuguese*. Lisboa / Paris: Universidade Nova de Lisboa / Université Paris 8 – Vincennes Saint-Denis, 2006.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Dordrecht: Foris, 1986.

FLORUPI, Simone e NUNES, Jairo. Movement and resumption in null possessor constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo. (ed.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. LA 142. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2009, p. 51-68.

GERKEN, LouAnn e SHADY, Michelle. The picture selection task. In: MCDANIEL, Dana, MCKEE, Cecile e CAIRNS, Helen Smith. *Methods for assessing children's syntax*. Cambridge, MA / London: MITPress, 1996, p. 125-146.

GORDON, Peter. The truth-value judgment task. In: MCDANIEL, Dana, MCKEE, Cecile e CAIRNS, Helen Smith. *Methods for assessing children's syntax*. Cambridge, MA / London: MIT Press, 1996, p. 211-232.

GUÉRON, Jacqueline. Inalienable possession, PRO-inclusion and lexical chains. In: GUÉRON, Jacqueline; OBENAUER, Hans-Georg. e POLLOCK, Jean-Yves. (eds.). *Grammatical representation*. Dordrecht: Foris, 1985, p. 43-86.

HORNSTEIN, Norbert; ROSEN, Sara e URIAGEREKA, Juan. Integrals. UMWPL, 1995.

- KAYNE, Richard. *French syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1975.
- MENDES, Fernanda. Aquisição de estruturas possessivas inalienáveis: o caso dos nomes de parte do corpo em inglês americano e português brasileiro. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, 2017, p.1567-1611.
- MENDES, Fernanda. *Estruturas possessivas: a aquisição de posse inalienável no português brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2015.
- MENDES, Fernanda. *Estruturas possessivas: aquisição de posse funcional e posse inalienável no português brasileiro*. Florianópolis: UFSC, 2010a.
- MENDES, Fernanda. *A aquisição de estruturas inalienáveis adjetivas com verbos possessivos/ copulares em português brasileiro: um estudo experimental*. Manuscrito, 2010b.
- MENDES, Fernanda. *Estruturas inalienáveis adjetivas com verbos possessivos e copulativos em português brasileiro*. Manuscrito, 2010c.
- MITHUN, Marianne. The difference a category makes in the expression of possession and inalienability. In: BARON, Irène; HERSLUND, Michael e SØRENSEN, Finn. *Dimensions of possession*. TSL 47. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2001, p. 285-310.
- MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda Vailatti e NUNES-PEMBERTON, Gelza Matos. Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores? In.: ABAURRE, Maria Bernadete Marques e RODRIGUES, Angela (orgs.). *Gramática do português falado*. Vol. VIII. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002:317-344.
- MUNN, Alan, MILNER, Richard e SCHMITT, Cristina. Maximality and plurality in children's interpretations of definites. In: BAMMAN, David, MAGNITSKAIA, Tatiana e ZALLER, Colleen. (Eds.). *Proceedings of the 30th Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville: Cascadilla Press, 2006:377-387.
- NEGRÃO, Esmeralda Vailatti; MÜLLER, Ana Lúcia; NUNES-PEMBERTON, Gelza Matos e FOLTRAN, Maria José. O adjetivo. In.: ILARI, Rodolfo e NEVES, Maria Helena de Moura. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. II. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008:371-402.
- PÉREZ-LEROUX, Ana Tereza; SCHMITT, Cristina e MUNN, Alan. Syntactic features and

discourse factors in children's interpretation of definite determiners in inalienable possessions. *Acts de l'ACL*, 2002a, p. 245-258.

PÉREZ-LEROUX, Ana Tereza; SCHMITT, Cristina e MUNN, Alan. The development of inalienable possession in English and Spanish. In: BOK-BENNEMA, Reineke; HOLLEBRANDSE, Bart; KAMPERS-MANHE, Brigitte e SLEEMAN, Petra. (Eds.). *Romance languages and linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2002b, p. 199-216.

PÉREZ-LEROUX, Ana Tereza; SCHMITT, Cristina; MUNN, Alan. e DEIRISH, Michelle. *Learning definite determiners: genericity and definiteness in English and Spanish*. Boston University on Language Development, 2004.

PRIM, Cristina de Souza. *A sintaxe de adjetivos nas posições pré- e pós-nominal*. Florianópolis: UFSC, 2010.

RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser. In.: ROBERTS, Ian e KATO, Mary. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2a edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 343-386.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. Volume 2. São Paulo: Cortez, 2001, p. 203- 232.

SCHAEFFER, Jeannette. (Revisão). BAAUW, Sergio. Grammatical features and the acquisition of reference: a comparative study of Dutch and Spanish. *Glott International*, vol. 6, no 2-3, Feb-Mar 2002:65-71.

SCHAEFFER, Jeannette e MATHEWSON, Lisa. Grammar and pragmatics in the acquisition of article systems. *Natural Language and Linguistics Theory*, vol. 23, 2005, p. 53-101.

VERGNAUD, Jean-Roger e ZUBIZARRETA, Maria Luisa. The definite determiner and the inalienable constructions in French and in English. In: *Linguistic Inquiry*, v. 23, n. 4, Fall 1992, p. 595- 652